



CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

GISELLE ÂNGELA BATISTA

**EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DESAFIO NO ENSINO FUNDAMENTAL
(6º AO 9º ANO)**

Apucarana
2021

GISELLE ÂNGELA BATISTA

**EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DESAFIO NO ENSINO FUNDAMENTAL
(6º AO 9º ANO)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a Ms. Camilla Samira de Simoni Bolonhezi

GISELLE ÂNGELA BATISTA

EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DESAFIO NO ENSINO FUNDAMENTAL (6º AO 9º ANO)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Ms. Camilla Samira de Simoni
Bolonhaezi
Faculdade de Apucarana

Profª Esp. Camila Mello Pereira
Faculdade de Apucarana

Profª Esp. Sirley Biage Maldonado
Faculdade de Apucarana

Apucarana, ____ de _____ de 2021.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por mais um dia de vida e diante de tantas dificuldades e obstáculos pelo caminho, estar concluindo mais uma etapa com êxito.

Agradeço incalculavelmente aos meus pais José e Geni por estarem do meu lado em todos os momentos me ajudando, me incentivando e dando apoio para que eu pudesse almejar minhas conquistas com perseverança e fé, cujo está é uma delas.

Ao meu esposo Cleber que a todo momento está me apoiando e me incentivando a sempre persistir.

Estendo o meu agradecimento a minha orientadora Camilla pela ajuda, orientação, apoio e auxílio nos momentos que precisei para a elaboração e conclusão desse trabalho.

Assim sendo, agradeço também aos colegas de classe, a todos os professores do curso, pelo companheirismo durante todo o curso.

Agradeço as pessoas que direta e indiretamente contribuíram para a conclusão dessa etapa, auxiliando e ajudando de alguma forma, com uma palavra de apoio, incentivo, ânimo e encorajamento e especialmente a uma amiga que esteve ao meu lado nessa jornada.

“(...) Não perca a fé.”

Steve Jobs

LISTA DE SIGLAS

AIDS – Síndrome da imunodeficiência adquirida

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CREP - Currículo da Rede Estadual Paranaense

DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

TCTS – Temas Contemporâneos Transversais

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
1.1 A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE NO BRASIL.....	7
1.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR.....	9
1.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO E ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA.....	13
REFERÊNCIAS	18
INTRODUÇÃO.....	21
2 OBJETIVOS	23
3 METODOLOGIA.....	23
4 RESULTADOS	24
5 DISCUSSÃO.....	26
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	28
ANEXO A – NORMAS PARA A PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS - REVISTA F@PCIÊNCIA	31

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A história da sexualidade no Brasil

A sexualidade na antiguidade e especialmente no medievo era vista como algo secreto, oculto, pertencente a um ciclo de interdição. Foucault (1999, p. 80) exemplifica a respeito do sexo naquele momento histórico, sendo uma lei de proibição: “não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo” (FOUCAULT, 1999, p. 80).

Conforme os entendimentos de Foucault (1999), a história da sexualidade pode ser comparada com a fábula das joias indiscretas, onde as pessoas estavam vivendo há muitos anos no reino do príncipe Mangoggul, presos na curiosidade pelo sexo, insistentes em questioná-lo, insaciáveis em poder ouvir e ouvir dizer nele, prontos a formar os anéis mágicos (órgãos genitais) que possam forçar sua discrição.

A igreja católica compreendia o sexo como algo atrelado ao pecado, a morte e finitude, e que, deveria ser tratado com continência ou até mesmo abstinência. Posteriormente foram permitidas “concessões”, um exemplo é o casamento, onde no século XIII era visto como um “mal menor”, um meio alternativo para aquelas que não conseguiam manterem-se virgens (CHAUAI 1984 *apud* BUENO, 2017).

Foucault (1999) complementa que, o sexo foi desenvolvido por toda a sociedade como um dispositivo de aliança, do qual estava intimamente interligado ao matrimônio, as relações de filiação e parentesco, transmissão dos nomes e dos bens. Vale ressaltar que, diante do dispositivo da aliança se instalam calçados nele, o dispositivo da sexualidade.

Todavia, o dispositivo da sexualidade não substituiu o da aliança, mas pode acontecer de ser substituído um dia. Assim sendo, o dispositivo da aliança era um sistema de regras entre o permitido e proibido, vínculo entre os parceiros e equilíbrio do corpo onde o momento decisivo era a reprodução. Por outro lado, o dispositivo da sexualidade era um sistema de trocas, qualidade e prazeres, não era a reprodução, mas inovar, inventar e penetrar nos corpos de uma forma de controlar as populações de forma mais intensa (FOUCAULT, 1999).

A sexualidade e o sexo não eram algo explícito entre as pessoas e na sociedade, mas oculto onde não devia falar sobre. Foucault contribuiu grandemente para que isso fosse melhorado, colocando o tema em discurso. Assim sendo, os discursos eram desenvolvidos por diferentes formas tais como: o exame de si mesmo, interrogatórios, confissões, entrevistas, buscando saber, conhecer o sexo e colocá-lo em discurso, assim descobrindo a verdade (FOUCAULT, 1999).

Ocorre que após o século XVII que, o dispositivo da sexualidade foi presenciado primeiramente nas instituições familiares e discutido com o intuito de analisar fenômenos como o marido impotente, perverso, sadismo sexual, o rapaz homossexual, mulher frígida, moça histérica. Estes, eram vistos como a representação de uma sexualidade anormal, e assim, os médicos, pedagogos, psiquiátricos e demais especialistas possíveis deviam ajudar pudessem ajudar essas interferências infelizes a sexualidade e a aliança. (FOUCAULT, 1999).

As primeiras preocupações explícitas envolvendo à educação sexual de crianças e adolescentes iniciaram por volta dos anos 20 e 30, do século XX. Assim sendo, nesse momento histórico essa temática já era alvo de preocupações de médicos, intelectuais, professores que abrangiam o universo educacional do Brasil (MARQUES, 1994 *apud* CÉSAR 2009).

Em meados de 1922, o intelectual e reformador Fernando de Azevedo respondeu um inquérito sobre a educação sexual promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que desde então, destacava a importância desse conteúdo ao interesse moral e higiênico do indivíduo, surgindo assim, o interesse da educação nacional com o ensino da educação sexual nas escolas brasileiras (MARQUES, 1994 *apud* CÉSAR 2009).

Nesse contexto, a discussão acerca da sexualidade foi sendo intensificada no Brasil, deixando de ser algo secreto e passando a ser uma forma de conhecimento cultural. Desta forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil enfatizou a importância do tema no interior das escolas, tornando-a obrigatória como temas transversais (DINIS; LUZ, 2007).

Nesse mesmo contexto, afirmam os autores acima:

Assim, a sexualidade não é mais um tema exclusivo das aulas de Biologia, mas deve ser trabalhada em todas as disciplinas do currículo por uma visão culturalista. Essa mudança de paradigma implica discutir todos os aspectos da sexualidade, inclusive as novas identidades sexuais e de gênero (DINIS; LUZ, 2007, p. 1).

O tema da sexualidade nas escolas brasileiras foi incorporado nos documentos que o trataram como tema transversal para além do currículo de biologia por seu aspecto de significado a ser ensinado aos alunos. Esse contexto fez surgir um documento específico os temas transversais em orientação sexual, por tratarem de questões sociais, mas deixando evidente que este não é o único documento que ampara o tema (BRASIL, 1998b).

Os temas transversais em orientação sexual destacam:

Nas várias áreas do currículo escolar existem, implícita ou explicitamente, ensinamentos a respeito dos temas transversais, isto é, todas educam em relação a questões sociais por meio de suas concepções e dos valores que veiculam nos conteúdos, no que elegem como critério de avaliação, na metodologia de trabalho que adotam, nas situações didáticas que propõem aos alunos. Por outro lado, sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para explicá-los; ao contrário, a problemática dos temas transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento.(BRASIL, 1998e, p. 26).

O tema da sexualidade foi tendo amparo por diversos documentos não apenas nos Parâmetros Curriculares Nacionais e os Temas Transversais, representando um grande avanço histórico frente a sexualidade no âmbito brasileiro. No entanto, nos Novos Temas Transversais Contemporâneos o tema Orientação e Educação Sexual foi retirado e substituído por Cidadania e Civismo, entre outros. As discussões recentes sobre a chamada “Ideologia de Gênero” foram um dos agravantes e impedimentos para avanços na área.

1.2 A Educação Sexual no ambiente escolar

A temática da sexualidade no interior das escolas é de suma relevância, pois contribui para evitar problemas graves no futuro tais como: abuso sexual, gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. Assim sendo, a inserção desse conteúdo em temas transversais articula-se com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes e meios preventivos diante das doenças (BRASIL, 1998a).

A primeira tentativa de inserir o tema de Educação Sexual no currículo escolar de ensino ocorreu em meados de 1930 em um Colégio Batista do Rio de Janeiro. A experiência se perpetuou por vários anos, até que o diretor do colégio foi demitido do cargo em 1934 e o professor responsável pelo projeto também. Vale ressaltar que, em épocas anteriores a década de 60 algumas experiências vinham sendo realizadas diante da Educação Sexual, porém elas aconteciam em escolas protestantes e em outras que não possuíam vínculo religioso (FIGUEIRO, 1998).

Rosemberg (1985 *apud* FIGUEIRO, 1998, p. 124) destaca que: “A igreja católica constituiu um dos freios mais poderosos, até a década de 60, para que a Educação Sexual formal penetrasse no sistema escolar brasileiro” (ROSEMBERG 1985, *apud* FIGUEIRO, 1998, p. 124). Ocorre que, naquele momento histórico a igreja Católica ocupava uma posição de grande relevância e respeito na tomada de decisões frente à educação nacional, e seu comportamento era repressivo em relação ao tema, onde as informações e manifestações sexuais eram interdidas.

Figueiro (1988) destaca que, a década de 60 foi um período importante para a Educação Sexual pois várias experiências de programas de Educação Sexual no Brasil foram sendo desenvolvidos. Nesse período histórico, alguns colégios católicos começaram a dar abertura a Educação Sexual decorrentes de algumas mudanças, ainda heterogêneas no Catolicismo após o Concílio Vaticano realizado entre 1962 e 1965.

Vale ressaltar que, os primeiros contatos mais intensos com a Educação Sexual nas escolas foram por intermédio da experiência do Colégio de aplicação, onde possibilitavam aos educandos o diálogo, expor suas dúvidas, os temas eram desenvolvidos a partir do interesse dos mesmos, atividades individuais e em grupos, programas desenvolvidos com os pais denominados especificadamente como seminários de discussão (FIGUEIRO, 1998).

O Colégio de aplicação da Universidade de São Paulo – USP foi criado no interior do serviço de Orientação Educacional, onde Maria José Werebe foi quem assumiu a direção. Desse modo, a experiência nesse Colégio foi realizada em 1963 a 1968, sendo uma orientação de grupo, nada mais do que, uma atividade incluída no horário regular, mas que apresentava suas diferenciações diante das disciplinas escolares (FIGUEIRO, 1998), e realizou a integração entre o orientador educacional e os professores de Ciências (FIGUEIRO, 1997).

Nesse sentido, os seminários de discussão foram programas realizados especialmente com os pais, para que, pudesse entender melhor o trabalho realizado com os seus filhos, a aceitar a sexualidade dos mesmos, e encorajá-los em dialogar com seus filhos sobre a temática. Todavia, a presente experiência foi desenvolvida pela Maria Jose Werebe, elaboradora e coordenadora desse projeto, onde também escreveu um livro abrangendo a Educação Sexual nas escolas (FIGUEIRO, 1998).

Em tempos contemporâneos, no século XXI, essa resistência pelas famílias ainda é existente, o diálogo de assuntos relacionados a sexualidade foi e ainda vem sendo um receio das famílias, aspecto que com as conquistas históricas a escola tem um importante papel, sendo responsável em abranger conhecimentos e orientar os alunos diante desse tema (COELHO; SOARES, 2019).

Vale enfatizar que, em meados de 60 e 70 eram banidos, aspectos políticos de grande envergadura, influenciaram negativamente nesse processo da Educação Sexual de todo o país, onde algumas influências foram: Projeto de lei negado envolvendo a inclusão da Educação Sexual nas escolas, Posição oficial do Brasil de que o tema era cargo da família e não da escola, proibição dos educadores em abordar o tema envolvendo aspectos anticoncepcionais e natalidade (FIGUEIRO, 1999).

Complementa o autor que, muitos projetos foram proibidos, e a Educação Sexual muitas vezes quando desenvolvido era de forma clandestina, não se existia uma lei que proibia essa prática na sociedade, mas era um verdadeiro tabu, uma repressão social do tema onde grande parte da sociedade obedecia, mesmo sem existir legislação expressa.

Com o passar dos anos, aos poucos a sexualidade foi ganhando suas primeiras conquistas no meio social, no final da década de 70, em concordância com o processo de redemocratização do país e nesse contexto, são realizados debates envolvendo a Educação Sexual. No início de 80 se tornam destaque a sexualidade e seus temas nas redes de comunicações, nos rádios, televisão, revistas e foram surgindo à escrita de livros analisando a sexualidade para jovens, crianças e adultos, bem como outros estudos de cunho científicos buscando a reflexão da sexualidade principalmente nas escolas, o que fez surgir alguns avanços no decorrer dos anos 90. (FIGUEIRO, 1998).

Desta forma, as discussões envolvendo a sexualidade no currículo das escolas tanto no Ensino Fundamental e Médio se intensificaram a partir da década de 70, sendo considerado um tema de relevância na formação global do sujeito. (BRASIL, 1998a).

Em meados dos anos 80, a demanda de trabalhos voltados para a sexualidade na escola teve aumento e o motivo foi a preocupação dos educadores com o grande crescimento do índice de gravidez indesejada entre adolescentes e jovens bem como o risco de contaminação por HIV nesse público. (BRASIL, 1998a).

Figueiro (1998) complementa:

Debates e publicações, com a preocupação sobre a gravidez precoce e da contaminação da AIDS, vieram contribuir para que passasse a haver, por parte de pais, educadores e da sociedade em geral, um maior interesse na Educação Sexual das crianças e dos jovens, mais especificamente, uma preocupação maior com atuação da escola nesta tarefa. (FIGUEIRO, 1998, p. 128).

Nesse sentido, a escola possui um papel importante em orientar os educandos na temática da sexualidade, visando contribuir para a formação moral e social dos sujeitos e prepará-los com maturidade informativa para que possam enfrentar e experimentar as relações sexuais de maneira consciente, responsável e saudável (COELHO; SOARES, 2019).

Maia e Ribeiro (2011) afirmam:

Quando chega à escola, cada pessoa já carrega consigo os valores sexuais transmitidos pela cultura e sua concepção de sexualidade foi influenciada pela família e pelo grupo social do qual faz parte. Assim, a Educação Sexual escolar precisa não apenas orientar, ensinar, informar, mas também discutir, refletir e questionar esses valores e concepções de maneira a possibilitar que cada indivíduo tenha uma compreensão dos referenciais culturais, históricos e éticos que fundamentam sua visão de sexualidade e sua prática sexual (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 76).

Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) complementam que, a escola é primordial nesse aspecto, mas a sua atuação jamais pode ser desenvolvida isolada, é preciso que os pais e a família também contribuam nesse sentido, pois a Educação Sexual deve ser iniciada no seio familiar e complementada na escola, buscando auxiliar os adolescentes e jovens em suas dúvidas e ansiedades.

Nesse mesmo sentido, BRASIL (1998a, p. 83) enfatiza: “A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam”.(BRASIL, 1998a, p.83).

Outro aspecto relevante a ser exposto é referente à terminologia, se seria ideal: a orientação sexual ou Educação Sexual. No entanto, ainda existem divergências nesse aspecto. Na década de 1990 o termo era orientação sexual, termo pelo qual, foi acolhido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), mas que sua aceitação não era unânime, em contraponto vários estudiosos optaram pela terminologia Educação Sexual (MAIA; RIBEIRO, 2011).

No ambiente educacional os conteúdos envolvendo a sexualidade não possuem disciplina específica, mas devem ser abordados no ambiente de ensino de maneira transversal. O indivíduo tem influência da sexualidade no seu cotidiano por diferentes fontes, tais como: livros, na escola, pessoas pertencentes à família, amigos e principalmente da mídia, diante do mundo globalizado onde estamos inseridos. Assim sendo, muitas vezes não compreendem a sexualidade por completo, o que gera dúvidas, curiosidades o que muitas vezes essas questões são trazidas no interior das escolas, desempenhando assim, a escola desenvolver a ação crítica, reflexiva e educativa a esses educandos (BRASIL, 1998a).

Sabemos que a temática da sexualidade não é exposta aos indivíduos apenas no ambiente escolar, mas em outros espaços sociais tais como: ambulatórios, postos de saúde, sindicatos e universidades. Mas, o espaço mais adequado e propício para desenvolvê-lo é nas escolas, por ingressar nela desde os seus primeiros anos de idade e perpetuarem até a adolescência, sendo na escola que os educandos aprendem a questionar, refletir além da escola ter sua função social (MAIA; RIBEIRO, 2011).

1.3 A Educação Sexual no currículo e ensino de Ciências e Biologia

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), disciplina toda a Educação Básica Brasileira e é composta pela educação infantil, Ensino Fundamental e médio conforme disposto no artigo 21. Nesse contexto ocorre a

ênfase as disciplinas obrigatórias da rede de ensino e a admissão de temas transversais, conforme vede:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do Ensino Fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

(...)

§ 7º A integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput. (BRASIL, 1996).

Os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) de ciências naturais demonstram a necessidade e conformidade de ser desenvolvida a Educação Sexual por meio da disciplina de ciências, pela mesma abranger aspectos reprodutivos, órgãos reprodutores femininos e masculinos, tendo consonância e devendo estar interligado com os PCNS de Orientação Sexual (BRASIL, 1998d).

Com a promulgação das Diretrizes Curriculares da Educação Básica em Ciências (2008b), há no documento uma concepção de currículo para a educação básica e as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) uma organização para a referida disciplina. Deste modo, em uma abordagem frente ao currículo, vimos que o mesmo, presente e vigente no Brasil, se faz por meio das experiências vivenciadas e interesses dos alunos, marcados por dois momentos históricos: As ideias pedagógicas da Escola Nova e a implementação do projeto neoliberal de educação, difundindo-se no documento conhecido como Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2008b).

Desta forma, nas escolas, o conhecimento escolar se explicita por meio de disciplinas presentes na tradição curricular sendo elas: Biologia, Ciências, Física, Ensino Religioso, Física, Química, Arte, Língua estrangeira, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Educação Física, Filosofia. Assim sendo, nessas diretrizes se destacava a importância das disciplinas e do professor como autor do plano de ensino, moldes que figuravam na década de 1990, aspectos que foram modificando e dando destaque para os temas transversais (BRASIL, 2008a).

Nesse mesmo contexto, com a disciplina de Biologia o tratamento não é diferente, visto que, possui DCE para a mesma. Desta forma, o referido documento

estadual foi alvo de discussões e debates para a sua elaboração, tornando-se um fundamento para o trabalho pedagógico das escolas estaduais (BRASIL, 2008a).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Biologia, intensifica o currículo de forma que ele seja estendido a todos, sendo a escola um ambiente de socialização do conhecimento, independente da classe social do sujeito. Desta forma, sendo a socialização como uma função da instituição escolar, ela contribui veemente com as classes menos favorecidas, para que todos possam ter oportunidades ao letramento, ao conhecimento científico, a reflexão filosófica e a arte (BRASIL, 2008a).

Em 2019 foi implantado o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), documento que dá apoio às escolas para revisão de seus currículos e auxílio aos professores na elaboração do planejamento em concordância com a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (PARANA, 2020).

O referido documento nada mais é do que, um documento que permeia o resultado de longos embates frente ao Currículo Nacional para a Educação Básica (HYPOLITO, 2019).

Deste modo, a BNCC disponibiliza sugestões de conteúdos de ciências a serem trabalhados em todos os anos, desde o 1º ano até o 9º ano do Ensino Fundamental, elaborados por trimestre (PARANA, 2020).

Vale mensurar que, os conteúdos apresentados pelo CREP não é de caráter obrigatório, mas sim subsídios e sugestões de conteúdos buscando auxiliar a docência do educador, e em consonância com o Referencial Curricular do Paraná. Os conteúdos e a forma de ser trabalhada a disciplina de ciência com os educandos são de grande valia, pois possibilitam o seu pensamento crítico, científico e criativo (PARANA, 2020).

Nesse mesmo contexto, as sugestões de conteúdos a serem trabalhados com os alunos voltados para a sexualidade, também são propostas pelo CREP permeando por todo o Ensino Fundamental, nos primeiros anos voltados as partes do corpo, a higiene, as características físicas de cada um, as mudanças sofridas desde o seu nascimento, já nos últimos anos, especificadamente no 8º ano e 9º ano, o corpo humano de forma mais aprofundada, voltados aos mecanismos de reprodução e sexualidade (PARANA, 2020).

Vimos que os temas transversais são abordagens significativas que devem ser trabalhadas nas escolas brasileiras. Assim sendo, esses temas possibilitam que questões sociais sejam desenvolvidas para a aprendizagem dos alunos e sua reflexão (BRASIL, 1998e). Os temas transversais tem a mesma relevância que os temas convencionais do currículo de ensino, ganhando flexibilidade e abertura, cujos temas podem ser explorados conforme a realidade local e regional, permitindo que novos temas possam ser incluídos conforme a conveniência e necessidade, tendo os seguintes temas contemporâneos: ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo. (BRASIL, 1998e).

A temática da sexualidade na escola conquistou grande importância na Educação Brasileira, visto que, os Temas Transversais - Orientação Sexual foi um documento especificado para o tema da sexualidade no interior das escolas, onde engloba vários aspectos a serem trabalhados com os jovens e adolescentes tais como: o respeito a si mesmo e ao outro, a diversidade de crenças, a gravidez indesejada na adolescência, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis entre outras (BRASIL, 1998b)

O educador precisa estar preparado a desenvolver essa temática nas salas de aulas e por se tratar de um tema transversal, não tem obrigatoriedade ao profissional de ciências ou permanecendo apenas a ele esse encargo, mas outras formações acadêmicas podem desenvolver, como aulas de história, Sociologia e outras áreas afins, diante da transversalidade do tema (BRASIL, 1998b)

Assim sendo, diante dos PCNS em temas transversais existentes no Ensino Fundamental, outros temas fazem correlação com a Educação Sexual na escola, como por exemplo, os temas transversais da saúde, pois doenças sexualmente transmissíveis é um problema de saúde pública e que as referidas doenças sexuais comprometem a saúde do sujeito (BRASIL, 1998c).

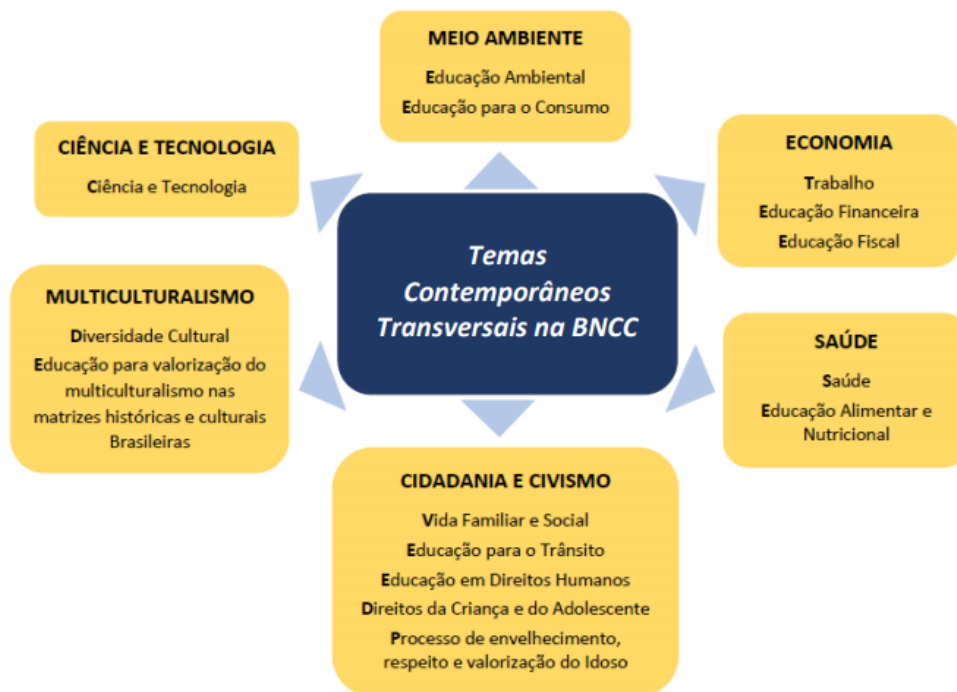
No entanto, no ano de 2019 a BNCC elaborou os Temas Contemporâneos Transversais (TCTS), trata-se de um documento que não visa à exclusão dos documentos anteriores como os PCNS, mas refere-se a um complemento para a Educação Básica (BRASIL, 2019).

Nesse mesmo contexto, os TCTS almejam uma contextualização no ensino, trazendo temas que sejam interessantes e de relevância para o cidadão, com abordagens de temas atuais na sociedade, para que os alunos possam concluir a

Educação Básica com conteúdos contextualizados e de relevância no meio social (BRASIL, 2019).

Na observância da figura, é possível analisar a ampliação dos Temas Contemporâneos Transversais na BNCC, estando evidente a exclusão da orientação sexual:

Figura 1 – Temas Contemporâneos Transversais



Fonte: BRASIL, 2019.

Importante realizar o referido comparativo de que, nos PCNS o tema da Orientação Sexual pertencia a um dos temas propostos, mas com o advento do TCTS eles não foram abrangidos nesse documento (BRASIL, 2019).

Diante dessa alteração, pode-se traçar a referida reflexão, qual seria necessariamente o foco da sua exclusão? O referido documento relata que, os temas contemporâneos referem-se a conteúdos que estejam presentes na realidade dos alunos, e a orientação sexual não estaria? Haja vista que, temas como o respeito aos idosos, a educação financeira, Ciência e Tecnologia são temáticas de suma relevância e presentes nos dias atuais, mas a sexualidade dos alunos, o cuidado com doenças sexualmente transmissíveis e o alto índice de jovens gestantes, também não está presente na sociedade contemporânea? Deixo essa

reflexão para análises futuras, mas uma questão é possível adiantar, nas políticas públicas de educação do governo atual, a educação sexual não é uma preocupação que direcione ações concretas e eficazes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Orientação Sexual**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 25 Nov. 2020.
- BRASIL. Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, Dez, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Orientação Sexual**, 1998b. Brasília: MEC, p. 285-336. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. Acesso em: 30 Maio. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : temas transversais saúde. 1ª parte. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998c.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998d.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, p.436, 1998e.
- BRASIL. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica Biologia**. 2008a
- BRASIL. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica Ciências**. 2008b
- BRASIL. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos, 2019.
- BUENO, Rita Cássia Pereira. **A história da criação do papo jovem: um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de Ensino Fundamental e médio, 2017**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152988/bueno_rcp_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 03 Maio. 2021.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma epistemologia. **Educar**, v. 1, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602009000300004&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 03 Maio. 2021.

COELHO; Caroline Pugliero; SOARES, Renata Godinho. Percepções de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental sobre sexualidade/ educação sexual em uma escola do RS. **Rev. Ens. Educ. Cienc. Human**, v. 20, n. 4, p. 452-456, 2019. Disponível em: < <https://200.201.215.44/index.php/ensino/article/view/7460>>. Acesso em: 30 de Maio. 2020.

DINIS, Nilson; LUZ, Araci Asinelli. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n30/a06n30.pdf> >. Acesso em: 22 Mar. 2021.

FIGUEIRO, Mary Neide Damico. **Reverendo a história da educação sexual no Brasil**: ponto de partida para construção de um novo rumo. Nuances, v.4 , n.1, p. 123-133, 1998.

FIGUEIRO, Mary Neide Damico. Educação sexual: qual o profissional designado para esta tarefa. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 8, n. 2, p. 270-276, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Grall, 1999.

GONÇALVES, R.C; FALEIRO, J. H; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios, **Holos**, v. 5, n. 1, p. 251-263, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4815/481548607021.pdf>>. Acesso em: 02 Jun. 2020.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. BNCC, agenda global e formação docente. **Revista Retratos da escola**, v. 13, n. 25, p. 187-201, 2019. Disponível em: < https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/403083/mod_resource/content/1/BNCC%20%20Agenda%20Global%20E%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Docente.pdf >. Acesso em: 03 Maio. 2021.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxas**, v. 15, n.1, p. 75-84, 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/37798854/Texto_Educacao_Sexual_Principios_para_Acao.pdf >. Acesso em: 07 Jun 2020.

PARANA. **Currículo da Rede Estadual paranaense**, 2020. Disponível em: < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/crep_2020/ciencias_curriculo_rede_estadual_paranaense_diagramado.pdf>. Acesso em: 22 Mar. 2021.

EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DESAFIO NO ENSINO FUNDAMENTAL (6º AO 9º ANO)

BATISTA, Giselle Angela¹

BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni²

RESUMO

A Educação Sexual na escola caracteriza um conhecimento de grande valia para jovens e adolescentes, porém não é uma tarefa fácil, necessita do comprometimento da família e toda instituição educativa. Objetivou-se por meio dessa pesquisa abordar os desafios da Educação Sexual na escola com educandos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada no estudo é por meio do referencial teórico com material atualizado e revisão bibliográfica. O resultado obtido caracteriza-se na busca e análise de dez artigos científicos que abrangem o tema e concluiu-se que a temática da sexualidade teve grande avanço e conquistas, mas o tabu e o receio da família em dialogar sobre, ainda é existente. Os cursos, palestras, formação continuada são de grande importância diante do tema.

Palavras-chave: Educação Sexual. Família. Formação Continuada.

ABSTRACT

Sex education at school characterizes knowledge of great value for young people and adolescents, but it is not an easy task, it requires the commitment of the family and the entire educational institution. The objective of this research was to address the challenges of sexual education in school with students from the 6th to the 9th grade of elementary school. The methodology used in the study is through the theoretical framework with updated material and bibliographic review. The result obtained is characterized by the search and analysis of ten scientific articles covering the theme and it was concluded that the theme of sexuality has made great progress and achievements, but the taboo and the family's fear of talking about it still exists. Courses, lectures, continuing education are of great importance in relation to the theme.

Keywords: Sexual Education. Family. Continuing Education.

¹ Giselle Ângela Batista. Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2020. Contato: giselletga@outlook.com

² Camilla Samira de Simoni Bolonhezi. Doutoranda em História pela UEM e docente da Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana – PR. 2020. Contato: camillabolonhezi@gmail.com.br.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período novo e repleto de mudanças na vida do adolescente, sendo marcado por transformações biopsicossociais estimulados pelos hormônios característicos na puberdade, além de ser uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Todavia, diante de todas essas mudanças que o adolescente vivencia nessa fase, muitas curiosidades surgem frente à sexualidade, que muitas vezes não são esclarecidas com debate, diálogo e orientação, pois os mesmos possuem vergonha, preconceito e podem carregar determinados tabus, seja pela falta de diálogo no ambiente familiar, vergonha dos estudantes em questionar o assunto ou pelo receio dos professores em desenvolver a Educação Sexual com segurança e autonomia (GONÇALVES; FALEIRO, MALAFAIA, 2013).

Importante destacar que, a Educação Sexual pode ser desenvolvida em diversas instituições tais como: postos de saúde, ambulatórios, sindicatos, fábricas, universidades, mas considera-se que o ambiente mais adequado para realizá-la é a escola por exercer função social e ter contato maior com diversas faixas etárias. Embora o ambiente escolar seja um ambiente propício para esses ensinamentos, é preciso que tenha o apoio e a participação ativa da família e da comunidade (MAIA; RIBEIRO, 2011).

É essencial que a família esteja orientando seu filho diante da sexualidade, iniciando o primeiro contato a eles, a escola deve desempenhar um papel complementar, mas dialogar sobre o tema. Um dos desafios para muitas famílias são os preceitos negativos por conta da formação familiar que receberam e os preceitos religiosos, deixando muitas vezes a função apenas a cargo da rede escolar de ensino (GONÇALVES; FALEIRO, MALAFAIA, 2013). Assim sendo, dialogar sobre a sexualidade ainda consiste em um tabu na sociedade, reflexo disso é que, muitas famílias temem em conversarem com seus filhos a respeito do assunto, seja por medo, vergonha ou acreditam que dialogar sobre, pode estimular os filhos a iniciarem a vida sexual precoce (COELHO; SOARES, 2019)

Deste modo, a formação do educador nessa temática é de suma relevância, e o mesmo deve estar preparado e seguro para atuar na Educação Sexual, pois é preciso capacitação, seja por meio da formação acadêmica ou através de cursos de forma continuada (MAIA; RIBEIRO, 2011). Não se deve pensar especificamente que os professores que devem desenvolver o conteúdo da Educação Sexual sejam

apenas aqueles profissionais com formação em Ciências e Biologia, mas sim todos os educadores que precisam abraçar essa causa, ou seja, a escola como um todo (SAITO; LEAL, 2000).

A temática de Educação Sexual não é um assunto novo, ele já vem sendo debatido perante a sociedade brasileira desde o início do século passado. No entanto, ela permanecia a cargo da família. Após a redemocratização do Brasil e com o início dos anos 80, essa temática foi transferindo a escola, uma missão difícil e árdua para todos que a compõe, pois é preciso estimular a sexualidade de maneira normal e conseqüentemente por outro lado contê-la. (MONTARDO, 2008).

Haja vista, a Educação Sexual é importante para que, os jovens adolescentes tenham conhecimento da sexualidade, da sua prática segura e consciente e das conseqüências que podem gerar a curto e ao longo prazo. É preciso que os alunos do Ensino Fundamental obtenham conhecimento dessa realidade e das conseqüências que podem vir a gerar evitando resultados tais como: atividade sexual precoce, gravidez precoce, aborto e doenças sexualmente transmissíveis (SAITO; LEAL, 2000).

A temática da Educação Sexual na escola tem como um dos principais objetivos a preparação do indivíduo em incorporar a mentalidade de prevenção nos adolescentes, para que os mesmos tenham conhecimento dos prazeres, desejos, sonhos e sentimentos, mas agindo com responsabilidade e com condutas preventivas contra doenças transmissíveis e gravidez precoce. Vale mencionar que os Parâmetros Curriculares Nacionais ao implementarem a orientação sexual na escola almeja como um de seus objetivos, a prevenção de doenças e a gravidez na adolescência (SPITZNER, 2005).

Todavia, a Educação Sexual é um tema importante onde a informação é necessário para o preparo educacional dos adolescentes visto que, o índice de jovens acometidos por doenças sexualmente transmissíveis e adolescentes grávidas vem crescendo progressivamente, resultados que podem ser conseqüências da falta de informação, orientação educacional do tema além da ausência de conhecimentos nessas áreas ocasionarem implicações negativas na tomada de decisões e na realização de suas escolhas (COELHO; SOARES, 2019).

Este trabalho visa contemplar a Educação Sexual e como a mesma se apresenta no trabalho com alunos do Ensino Fundamental anos finais.

2 OBJETIVOS

Destacar os desafios da Educação Sexual no ambiente escolar juntamente com as dificuldades dos professores em desenvolver esse conteúdo especialmente no Ensino Fundamental, além de enfatizar as consequências na vida dos adolescentes diante da sexualidade precoce.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo foi pautada na pesquisa bibliográfica, por meio da leitura de materiais acadêmicos e sua relação com o tema a ser tratado, utilizando materiais de cunho científico, de forma atualizada e de fonte confiável para o embasamento teórico da temática, sendo utilizados materiais de estudo tais como: livros físicos, livros virtuais, artigos e revistas científicas como também sites da internet de notório reconhecimento.

Deste modo, a pesquisa bibliográfica é um trabalho minucioso e que demanda busca de conhecimento e base para a elaboração da pesquisa frente ao tema escolhido, sendo primeiramente realizada a leitura de materiais colhidos, a escolha e seleção daqueles essenciais e que tenham relação ao tema discutido, em seguida, serão subscritos à informação, sem perder o contexto deles e destacando em qual autor foram baseados os dados.

Gil (2020) enfatiza o estudo por meio da pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência (GIL, 2020, p. 3-4).

Desta forma, por meio desse meio de pesquisa foi elaborado toda a proposta utilizada no estudo.

4 RESULTADOS

Foram encontrados por meio do google acadêmico, 10 trabalhos científicos dos quais abrangem a temática da Educação Sexual na Escola, cuja data de publicação percorrem do ano de 2018-2020.

Para a seleção dos artigos foram utilizados os seguintes critérios: o critério de inclusão e exclusão de artigos e materiais de cunho científico, publicado nos últimos 10 anos e que tivessem como foco a educação sexual na escola.

No quadro 1 serão apresentados os resultados da pesquisa bibliográfica, de trabalhos acadêmicos cuja busca teve correlação com a presente pesquisa, estando organizado por autor, ano, título, objetivos e métodos.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos

Autores	Título	Objetivos	Métodos e Tipo do Trabalho
BARBOSA et al, Luciana Uchôa (2020)	Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola.	Identificar dúvidas e medos sobre sexualidade e analisar a percepção dos adolescentes acerca do tema.	- Pesquisa descritiva e qualitativa. - Artigo Científico.
GOMES, Aurélia Garcia (2020)	Desafios e perspectivas da Educação Sexual na escola.	Identificar as perspectivas da gestão das escolas, para inteirar-se da construção conjunta em desenvolver ações articuladas em relação à Educação Sexual dos alunos.	- Investigação Bibliográfica. - Dissertação de Mestrado.
NOGUEIRA et al, Francisco Jander de Souza. (2020)	Educação Sexual nas escolas: Um desafio para profissionais da saúde e educação.	Conhecer os desafios que professores e profissionais da saúde enfrentam na promoção de educação sexual nas escolas brasileiras.	- Revisão integrativa. - Artigo Científico.
MOREIRA, Murilo Cesar; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; JACINTO, Helyson	Educação Sexual nas escolas: concepções e práticas de	Investigar as concepções e ações em Educação Sexual	- Qualitativo e Exploratório. - Artigo Científico.

Fernando de Aguiar. (2020)	professores.	de professores do Ensino Fundamental.	
BARBOSA, Luciana Uchôa; FOLMER, Vanderlei (2019)	Facilidades e dificuldades da Educação Sexual na escola: percepções de professores da Educação Básica	Identificar as facilidades e dificuldades da Educação Sexual na escola a partir da percepção dos professores da Educação Básica.	- Estudo Descritivo, exploratório e qualitativa. - Artigo Científico.
BARBOSA et al, Luciana Uchôa. (2019)	O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência.	Objetivou pesquisar a concepção de educandos dos anos finais (6º ao 9ºano) do Ensino Fundamental, sobre sexualidade, a abordagem de pais ou responsáveis e a escola sobre essa questão.	- Pesquisa Qualitativa. - Artigo Científico.
BARTASEVICIUS, Daniela Maria Manna; MIRANDA, Meiri Aparecida Gurgel de Campos (2019)	Formação de professores para a prática de educação sexual nas escolas: uma reflexão a partir do pensamento docente.	Discutir as necessidades formativas dos professores para as aulas de Educação Sexual de uma escola pública brasileira.	- Entrevistas Coletivas, pesquisa Qualitativa. - Artigo Científico.
FERREIRA, Sirlene (2019)	Intervenção com adolescentes sobre Educação Sexual na escola.	Realizar intervenção educativa na escola para promover ações de saúde sexual com adolescentes.	- Pesquisa Qualitativa, do tipo exploratória-descritiva e transversal. - Dissertação de Mestrado.
FURLANETTO et al (2018)	Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura.	- Identificar as principais características, temas abordados e profissionais responsáveis pelas ações de educação sexual em escolas brasileiras.	- Revisão de literatura; - Artigo Científico.
DIAS, Michelly Kallyne Neves; ZANDONADI, Antônio Carlos (2018)	O papel da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos.	- Investigar os impasses e desafios no desenvolvimento da educação sexual dos filhos	- Revisão de literatura; - Artigo Científico.

		por parte de pais e educadores, bem como discutir a relevância da educação sexual na formação dos jovens.	
--	--	---	--

Fonte: Autora do Trabalho, 2021.

5 DISCUSSÃO

Diante de vários trabalhos acadêmicos realizados com o tema de Educação Sexual nas escolas com crianças e adolescentes, é possível perceber que, trata-se de uma temática que vem sendo alvo de grande interesse em estudos científicos.

Conforme pesquisa realizada com 38 adolescentes, cujo maior índice do gênero feminino, pesquisa destinada acerca dos medos diante da sexualidade, constataram-se o medo da gravidez indesejada e de contrair doenças sexualmente transmissíveis (BARBOSA et al, 2020).

Gomes (2020) com seus estudos enfatiza que, a Educação Sexual necessita ser desenvolvida no âmbito educativo de maneira interdisciplinar, porém a escola deve propor ações planejadas referente ao tema. Nogueira et al (2020) complementa, os professores enfrentam grandes desafios para promover a Educação Sexual no interior das escolas, pois o modelo de ensino ainda é tradicionalista.

Diante de um estudo científico com professores do Ensino Fundamental, os mesmos reconhecem a importância da Educação Sexual na escola, visto que, muitos adolescentes são desinformados e mais vulneráveis. Destacam ainda, a relevância da formação continuada voltada a temáticas de Educação Sexual, seja cursos, palestras, oficinas, capacitações, aprimoramentos entre outros (MOREIRA; MAIA; JACINTO, 2020)

Barbosa e Folmer (2019) relatam conforme estudos realizados, a importância da Educação Sexual nas escolas, juntamente com as famílias desses adolescentes, buscando minimizar as consequências da sexualidade tais como: gravidez não planejada, doenças sexualmente transmissíveis e o aborto.

Em correlação, Barbosa et al (2019) realizou um estudo científico com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e constatou que, os pais e responsáveis dos adolescentes abordam questões da sexualidade com timidez e

com tabus, e que informações atuais que os adolescentes possuem sobre a sexualidade foram provenientes de diferentes fontes.

Bartasevicius e Miranda (2019) destacam que, a formação continuada dos professores para a prática de Educação Sexual nas escolas é de suma relevância, devendo enfatizar de maneira dinâmica, a troca de experiências e discussões na sala sobre o tema.

Em consonância com o exposto, a Educação Sexual deve ser trabalhada diante do atual contexto social que os adolescentes vivenciam, promovendo também a conscientização diante das consequências da gravidez, doenças e ampliar conhecimentos de afetividade, amor e respeito (FERREIRA, 2019). Em consonância, a capacitação docente é de suma importância (FURLANETTO et al, 2018)

Estudos científicos realizados por Dias e Zandonadi (2018) constataram que, muitas famílias privam seus filhos dos conhecimentos a cerca da Educação Sexual, considerando assim, que o diálogo com eles poderá antecipar a prática sexual, e também por sentirem despreparados em falar sobre.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir diante da referida pesquisa que, a Educação Sexual na escola configura-se um grande avanço diante das conquistas já almeçadas para a educação brasileira, conquista que está em constante progresso. Assim sendo, embora essa temática foi frutos de muitos estudos, luta para se alcançar o que vivenciamos na sociedade contemporânea e no ambiente educativo, muito precisa ser melhorado.

Assim sendo, a dificuldade existente na família em abordar aspectos no meio familiar e o despreparo de profissionais em colocar o tema em debate e discussões na sala de aula, juntamente com a ausência de formação continuada específica a Educação Sexual ou uma capacitação, são obstáculos que comprometem melhoras nessa perspectiva.

Todavia, permanece evidente o preconceito em falar sobre sexualidade com as crianças e adolescentes, principalmente pela família, tabus ainda existem, porém com menor incidência comparado à vários anos atrás. Ressalta-se que, os adolescentes tem curiosidade em saber sobre o assunto e medo das consequências

que a sexualidade pode gerar na vida e na saúde, onde a informação e a conscientização se fazem de suma relevância, tanto pela família como pela escola.

Diante de todo esse contexto, é de valia ressaltar os Temas Contemporâneos Transversais que ao serem ampliados em 2019, não consta a orientação sexual, ou seja, ocorreu a sua exclusão nesse documento.

Haja vista, não demonstra ter sido a melhor alternativa, pois a abrangência da sexualidade é um tema próximo da realidade dos alunos e de grande relevância diante do alto índice de gravidez na adolescência. Vale mensurar que, os temas envolvendo a educação financeira, a educação alimentar são relevantes e contemporâneos na nossa sociedade, pois o endividamento dos sujeitos e a obesidade são existentes, porque a orientação sexual merecia um tratamento excludente, diante das doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce que permeia a sociedade atual?

Para finalizar, é necessário que a Educação Sexual seja mais intensa na escola, e de forma contínua. Todavia, é preciso que a temática seja abordada diante da realidade social dos adolescentes, e de uma maneira dinâmica, interativa e com participação ativa dos educandos, onde eles possam expressar suas opiniões e ideias sobre. Contudo, palestra, cursos, debate com profissionais da saúde, tendo a participação da família, dos adolescentes e dos profissionais da educação é de grande valia, almejando a conscientização em falar sobre o tema, no aspecto amoroso, no cuidado com a saúde, na busca de romper preconceitos evitando o desconhecimento e as consequências indesejadas tais como: aborto, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

REFERÊNCIAS

BARBOSA et al, Luciana Uchôa. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 4, p. 1-8, 2020. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2921>>. Acesso em: 16 Abr. 2021.

BARBOSA et al, Luciana Uchôa. O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.12, n. 2, p. 31-49, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21625>>. Acesso em: 17 Abr. 2021.

BARBOSA, Luciana Uchôa; FOLMER, Vanderlei. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica.

Revasf, v. 9, n. 19, p. 221-243, 2019. Disponível em:

<<https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>>. Acesso em: 20 Abr. 2021.

BARTASEVICIUS, Daniela Maria Manna; MIRANDA, Meire Aparecida Gurgel de Campos. Formação de professores para a prática de educação sexual nas escolas: uma reflexão a partir do pensamento docente. **Sisyphus Journal of education**, v. 7, n. 3, p. 156-178, 2019. Disponível em:

<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7171714>>. Acesso em: 20 Abr. 2021.

BRASIL. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos, 2019.

COELHO; Caroline Pugliero; SOARES, Renata Godinho. Percepções de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental sobre sexualidade/ educação sexual em uma escola do RS. **Rev. Ens. Educ. Cienc. Human**, v. 20, n. 4, p. 452-456, 2019.

Disponível em: <<https://200.201.215.44/index.php/ensino/article/view/7460>>. Acesso em: 30 de Maio. 2020 às 15:20h.

DIAS, Michelly Kallyne Neves; ZANDONADI, Antônio Carlos. O papel da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos. **Revista farol**, v. 7, n. 7, p. 132-143, 2018. Disponível em:

<<http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/149>>. Acesso em: 19 Abr. 2021.

FERREIRA, Sirlene. Intervenção com adolescentes sobre educação sexual na escola, 2019. Disponível em:

<<http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/8955>>. Acesso em: 20 Abr. 2021. **[Tese de mestrado]**.

FURLANETTO et al, Milene Fontana. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Caderno de pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742018000200550&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 Abr. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como classificar as pesquisas**, 2020. Disponível em: <<http://www.madani.adv.br/aula/Frederico/GIL.pdf>>. Acesso em: 05 Ago. 2020.

GOMES, Aurélia Garcia. Desafios e perspectivas da Educação Sexual na escola, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/202384>>. Acesso em: 18 Abr. 2021 **[Tese de mestrado]**

GONÇALVES, R.C; FALEIRO, J. H; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios, **Holos**, v. 5, n. 1, p. 251-263, 2013.

Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4815/481548607021.pdf>>. Acesso em: 02 Junho. 2020 às 13:01h.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxas**, v. 15, n.1, p. 75-84, 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/37798854/Texto_Educacao_Sexual_Principios_para_Acao.pdf>. Acesso em: 07 Junho. 2020 às 10:05h.

MONTARDO, Jorge. A escola e a educação sexual, 2008. **Revista de educação, Ciência e cultura**, v. 13, n. 1, p. 161-174, 2008. Disponível em: <https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/revista_la_salle/2008_v13_n1/jmontardo.pdf>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

MOREIRA, Murilo Cesar; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; JACINTO, Helyson Fernando de Aguiar. Educação sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. **Revista Psicologia e educação on-line**, v.3, n.1, p. 47-54, 2020.

NOGUEIRA et al, Francisco Jander de Souza. Educação sexual nas escolas: um desafio para profissionais da saúde e educação. **Rev. Bra. Edu. Saúde**, v. 10, n. 3, p. 146-155, jul-set, 2020. Disponível em: <<https://www.editoraverde.org/gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/7947>>. Acesso em: 19 Abr.2021.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. **Pediatria**, v. 22, n. 1,p. 44-48, 2000. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/39242838/Educacao_sexual_na_escola.pdf>. Acesso em: 05 Junho. 2020 às 12:20h.

SPITZNER, Regina Henriqueta Lago. Sexualidade e adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola, 2005. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/dissertacoes/2005-Regina_Spitzner.pdf>. Acesso em: 03 Ago. 2020. **[Tese de mestrado]**

ANEXO A – NORMAS PARA A PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS - REVISTA F@PCIÊNCIA

Os artigos encaminhados serão submetidos à avaliação de até três consultores, especialistas na área atinente à temática do artigo, e a aprovação do Comitê Editorial da F@P CIÊNCIA, com base nas Normas Próprias de Publicação da Revista Eletrônica.

O ISSN da revista eletrônica é 1984-2333 e o título abreviado é **F@P Cien.**, forma que deve ser usada em bibliografias, notas de rodapé, referências e legendas bibliográficas.

Serão aceitos trabalhos para as seguintes seções:

- (1) **Revisão** – revisão da literatura;
- (2) **Artigos** – resultado de pesquisa de natureza empírica, experimental ou conceitual (mínimo de 05 e o máximo de 12 laudas);
- (3) **Notas** – nota prévia, relatando resultados parciais ou preliminares de pesquisa;
- (4) **Resenhas** – resenha crítica de livro (As Resenhas poderão ter no máximo três páginas e deverão tratar de livros publicados nos últimos 05 anos);
- (5) **Fórum** – seção destinada à publicação de 2 a 3 artigos coordenados entre si, de diferentes autores, e versando sobre tema de interesse atual.

Os autores devem submeter os manuscritos no formato eletrônico, exclusivamente, por meio do endereço fapciencia@fap.com.br, já configurados para o papel A4, observando as seguintes indicações do arquivo:

- **salvo** em modo “doc” ou “rtf”;
- **margens** sup/esq de 3 cm e inf/dir de 2 cm;
- **fonte** Arial 12 no corpo do texto. (Em nota de rodapé, a fonte é Times New Roman 10, alinhada à esquerda);
- **espaçamento** entre linhas de 1,5 cm.

Os textos deverão ser escritos em português e as figuras, gráficos e tabelas, se necessários, devem ser incluídos diretamente no texto no formato JPG, JPEG ou GIF, nos locais adequados e não em anexo, seguindo as normas da ABNT. Veja modelo no [Guia de Normas Trabalhos Acadêmicos](#), no site da FAP.

Na primeira página figurará:

1) **Título do trabalho** (Arial, tamanho 12, negrito, centralizado e caixa alta, sem ponto final);

2) **Autoria** (graduando e orientador – um abaixo do outro (apenas o autor graduando sublinhado), alinhados à direita, fonte arial 12, primeiro sobrenome por extenso em caixa alta, vírgula, nome com a abreviação das iniciais, indicando numeração de referência com especificação em nota de rodapé);

Exemplo:

**O USO DA REALIDADE VIRTUAL COMO RECURSO FISIOTERAPÊUTICO EM
PACIENTE COM PARALISIA CEREBRAL: ESTUDO DE CASO**

PARRA, R. R. G.¹

3) **Nota de rodapé** na nota constará a descrição do(s) autor(es): nome completo por extenso, instituição a que pertence, fonte financiadora (quando necessário), ano, e email de contato (fonte 10, Times New Roman, alinhado à esquerda, espaçamento simples);

Exemplo:

¹ Raquel Ribas Gallo Parra. Graduanda do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2019. Contato: raquel.ribas96@hotmail.com

² Kleber Rogério Andolfato. Orientador da pesquisa. Coordenador e Docente do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2019. Contato: kleber.andolfato@fap.com.br

³ Mayenne Souza Arrebola. Coorientadora da pesquisa. Preceptora do Curso de Fisioterapia da Faculdade de

4) **Resumo e Abstract** (as palavras **RESUMO** e **ABSTRACT** são em negrito, arial 12, maiúsculas e alinhadas à esquerda; já o texto deve ser em fonte arial, sem negrito, tamanho 12, conter de 100 a 250 palavras, e ter de 3 a 5 **palavras-chave** separadas por ponto, com as iniciais em maiúsculo (NBR 6022);

Exemplo:

RESUMO

A Paralisia Cerebral (PC) é um grupo de desorganizações, considerado distúrbio não progressivo, que ocorre durante a formação encefálica fetal ou na infância, interferindo no desenvolvimento motor e postural. A Realidade Virtual (RV) é um recurso em que o paciente interage com diversos estímulos, auditivos, sensoriais, visuais e táteis. O objetivo do estudo foi analisar a influência da RV no equilíbrio, coordenação motora e melhora da funcionalidade, foram realizadas 20 sessões com a RV XBOX®360 *Kinect*, utilizando como instrumentos de avaliação inicial e final, a Escala de Equilíbrio de Berg, *Timed Up & Go* (TUG), Testes de Coordenação Motora, Toques no Andador e Pontuação do jogo. Houve melhora significativa da avaliação inicial para final, exceto na Escala de Berg. Conclui-se que este recurso foi eficaz na reabilitação da marcha, equilíbrio, coordenação e aprendizagem motora da participante.

Palavras-chave: Realidade Virtual. Paralisia Cerebral. Equilíbrio. Coordenação Motora. Fisioterapia.

ABSTRACT

Cerebral Palsy (CP) is a group of disorganizations considered non-progressive disorder that occurs during fetal brain formation or in childhood, interfering with motor and postural development. Virtual Reality (VR) is a resource which the patient interacts with various stimuli, auditory, sensory, visual and tactile. The aim of the study was to analyze the influence of VR on balance, motor coordination and improvement of functionality. Twenty sessions were performed by VR XBOX®360 *Kinect*, using as initial and final evaluation the Berg Balance Scale, *Timed Up. & Go* (TUG), Motor Coordination Tests, Walker Touches, and Game Score. There was a significant improvement from initial to final assessment, except for the Berg Scale. It was concluded that this resource was effective in the participant's gait rehabilitation, balance, coordination and motor learning.

Keywords: Virtual Reality. Cerebral palsy. Balance. Motor coordination. Physiotherapy.

Os textos destinados a seção de Artigos devem impreterivelmente apresentar os tópicos: **INTRODUÇÃO, OBJETIVOS, METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO, CONCLUSÃO E REFERÊNCIAS.** Estes tópicos não são numerados, a fonte é arial, tamanho 12 e deve ser em caixa alta. A introdução e objetivos podem vir de forma separada ou conjunta, bem como os resultados e discussão. Se necessárias alterações de pequena monta serão realizadas pelo Conselho Editorial visando adequação às normas e melhoria do texto.

Exemplo da disposição dos tópicos (meramente ilustrativos):

INTRODUÇÃO

A Paralisia Cerebral (PC) é caracterizada por um grupo de desorganizações, considerado distúrbio não progressivo, que ocorre durante a formação encefálica fetal ou na infância, no qual interfere no desenvolvimento motor e postural, podendo acarretar limitações de atividades. A desordem motora é comumente acompanhada por epilepsia, transtornos de comportamento, percepção, sensação, cognição, comunicação e problemas musculoesqueléticos secundários (FERNANDES *et al.*, 2015), mas nem sempre esses distúrbios estão presentes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso experimental do tipo antes e depois, amostra não casual, por conveniência e intencional, tendo como critério de inclusão um indivíduo do gênero feminino, 37 anos de idade, diagnóstico clínico de PC, quadro motor de quadriplegia espástica, diagnóstico fisioterapêutico de diparesia espástica, capaz de manter-se em pé. Critérios de exclusão participantes não colaborativos, que não se mantenham em

bipedestação e que apresentem déficit cognitivo. Sendo esta uma paciente da Clínica Escola de Fisioterapia da Faculdade de Apucarana- FAP.

RESULTADOS

Participou da pesquisa um indivíduo do sexo feminino, com 37 anos de idade, diagnóstico clínico de PC, quadro motor quadriplegia espástica de nível III, pela classificação do *Gross Motor Function System Classification* (GMFCS), diagnóstico fisioterapêutico de diparesia espástica. A participante é independente nas suas atividades de vida diária, apesar de apresentar algumas dificuldades na realização de tarefas que exijam agachamentos, passos laterais e rotações de tronco. Marcha realizada com dispositivo auxiliar (muleta canadense bilateral).

DISCUSSÃO

Segundo Macedo *et al.* (*apud* MONTEIRO, 2011), os distúrbios da PC interferem significativamente na interação da criança como no desempenho e aquisição não só dos marcos motores básicos (sentar, rolar, engatinhar e andar), mas também em suas atividades de vida diária. Essas características foram observadas na participante do estudo, que apresenta dificuldades na marcha e na realização de atividades corriqueiras, limitando seu desempenho.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa concluímos que a RV com o XBOX®360 *Kinect* mostrou-se um recurso eficaz na reabilitação do equilíbrio, marcha, coordenação e aprendizagem motora da participante, com conseqüente evolução na velocidade e execução da marcha e movimentos dos membros superiores, porém poderia ter apresentado melhores ganhos nas escalas se os problemas pessoais não tivessem interferido na terapia. Necessita de mais estudos sobre essas doenças mentais e o quanto elas interferem no cotidiano dessa população.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, A. C.; RAMOS, A. C. R.; MORAIS FILHO, M. de; AVES, M. de J. J. **Reabilitação**. 2.ed. Barueri: Manole, 2015.

MONTEIRO, C. B. de M.; JAKABI, C. M.; PALMA, G. C. dos S.; TORRIANI-PASSIN, C.; MEIRA JUNIOR, C. de M. Aprendizagem motora em crianças com paralisia cerebral: tarefa de labirinto no computador. *In*: MONTEIRO, Carlos Bandeira de Melo (org.). **Realidade virtual na paralisia cerebral**. São Paulo: Plêiade, 2011.

As **citações** de autores no corpo do texto subordinar-se-ão às Normas Técnicas da ABNT – NBR 10520. Lembrando que é obrigatória a menção do número de página quando se tratar de citação direta.

Exemplos:

-Citação com um autor:

(MARTINS, 1980, p. 17)

ou

Martins (1980, p. 17)

-Quando se tratar de até três autores, todos serão citados:

(MARTINS; DUTRA; SOUZA, 1981)

ou

Martins, Dutra e Souza (1981)

-Quando a citação for com mais de três autores citar o primeiro seguido de *et al.* :

(MARTINS *et al.*, 1980)

ou

Martins *et al.* (1980)

-Quando o autor é uma instituição:

(INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1986, p. 35) ou

Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (1986, p. 35)

-Sem autoria: a referência entra pelo título da obra, sendo a primeira palavra em maiúsculo, já na citação fica:

(A ECONOMIA [...], 2018)

-Aos diferentes títulos de um autor publicados no mesmo ano, adiciona-se uma letra depois da data:

(BRAGA, 2017a) e (BRAGA, 2017b) ou Braga (2017a) e Braga (2017b)

As referências documentárias no final do texto devem seguir as Normas Técnicas da ABNT. Veja modelo no Guia de Normas Trabalhos Acadêmicos, de Ilma A. F. Serrante, no site da FAP.

Observação: Os textos apresentados no artigo são de inteira responsabilidade de seus autores, tanto em relação ao conteúdo quanto à questão de revisão gramatical e normas.